

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1907

N.º 213

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



A actriz Gabriella Réjane

No theatro D. Amélia, em dezembro de 1907

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

Em tres palavras se resume esta individualidade feminina: beleza, distincção, virtude. Os que a vêem admiram-na. Os que a tratam adoram-na. Viveu muito na sociedade, onde nunca deixou de ser inconfundível, pela distincção com que marcava o logar que occupou. Afastaram-na de lá dôres das maiores que pode soffrer um coração de mulher: a perda de filhas muito queridas.

Querendo assim a fatalidade cega do Destino roubar-lhe toda a felicidade, só não conseguiu vencer-lhe a alma heroica que toda se



A sr.ª D. Izabel Maria de Moraes e Azevedo
(Cliché Vasques — Lisboa).

compraz em acudir ás miserias alheias, como se na pratica do bem encontrasse o único lenitivo á sua amargura de mãe desolada.

De uma educação primorosa, alma de artista, excepcional nobreza de sentimentos, a nossa biographada, que Lisboa e o Porto conhecem pelos encantos da sua conversação, como os pobres de ambas as cidades a conhecem pelos extremos da sua bondade, bem merece que honremos hoje com o seu nome e o seu retrato esta columna do *Brasil-Portugal*.

EM FÓCO

Pô-lo agora em dolorosa evidencia o desastre que ha dias soffreu. E se aqui o registamos é para manifestarmos o jubilo de lhe ter resistido o moço official de marinha, podendo, dentro em poucos dias, abraçar os que mais se emocionaram com a triste noticia, que correu veloz como um relampago.

Na mocidade d'esta epoca Hugo O'Neill é uma figura de destaque, em que o nome illustre de familia se conjuga maravilhosamente



Hugo O'Neill

com o valor pessoal constituído por um bello character, um fino espirito e uma grande modestia, que dá subido realce a este conjuncto de primorosas qualidades.

Alquem.

Lgrimas ⁽¹⁾

Um luzido cortejo o funeral do Conde;
Muito clero e nobreza,
Muito povo tambem. Ao longe o sol se esconde
E chora a natureza.

Em volta do ataúde accendem-se mil luzes,
Resoam orações que ao céu eleva o cléro;
Flamejam pela igreja aureos galões e cruces,
E o funebre elogio é de um rigor austero.

A pedra tumular envolve o Conde agora
No seu pesado manto,
E o frio sepulchral das lagrimas da aurora
Orvalha-a como pranto.

Sobre o seu mausoleu de ma more custoso
Erguem-se uma corôa e um Christo sem conforto,
Como se ainda bebesse o calix amargoso,
Como se fossem fel as podridões do morto.

Ironia tremenda! Oh, meu «D. Juan», que sorte
Esteril, illusoria!
Uma corôa e um Christo, assignalando a morte
Qual padrão de gloria!

Perto do monumento, em raza sepultura,
Regava uma mulher de lagrimas as flôres;
Que sentido epitaphio! Os ais da desventura,
Os fremitos crueis dos seus leaes amores.

Como puro cristal a lagrima furtiva
Tremúla na violeta;
Fulgúra como luz que um diamante aviva
Na lucida facêta.

Desprende-se afinal ao palpar do vento,
E penetrando a terra, é balsamo que inunda
Aquelle que ali dorme e que lhe bebe alento,
Arôma, luz e amor n'uma saudade funda.

A flôr do sentimento, a lagrima que medra,
Na pobre sepultura,
E' mais bella, maior que a cinzelada pedra,
Morta, gelada, dura.

As flôres que essa campa adornam de matizes
Em nas folhas gentis as lagrimas ardentes;
Sugam beijos ao morto as avidas raizes
E beijam cada flôr os corações frementes.

E o mausoleo do Conde, ergue-se solitario
Indifferente á vida;
O egoismo não tem na altura do Calvario
Nenhuma cruz erguida.

E' mudo na harmonia entre as sentidas flôres
Que reventaram da alma e são como um psalterio,
Cantando ainda na campa um cantico d'amores
E animando de vida o morto cemiterio.

Fayal 12 de novembro de 1907.

M. Joaquim Dias.

(1) Esta poesia (inedita) assim como outra que publicámos no nosso numero de 1 de junho do anno passado, são do auctor da «Apotheose Humana» o poema a que nos referimos ha dois numeros.

Villa do Conde

A igreja matriz

Na margem direita do *Ave* e no sitio em que este rio desagua no mar, está a importante villa que, por ter sido do dominio, como directo senhor, do conde D. Alberto Paes Roñho, tronco dos Azevedos, e mais tarde do primeiro conde de Barcellos, D. João Affonso Tello de Menezes por onde veiu a ser posse do bastardo de D. Diniz, o celebre Affonso Sanches, que ali fundou um convento de freiras de Santa Clara, onde está sepultado, se chamou Villa do Conde.

Dizem as chronicas ter ali havido outr'ora um *castrum romano*; notam que D. Sancho I lhe deu foral em 1200; que depois passou

Egrejas, mosteiros e capellas



Villa do Conde. — A igreja matriz

(Cliché de Alberto Ferreira — Porto).

a villa a ser do direito senhorio dos duques de Bragança; que as freiras de Santa Clara ali tiveram jurisdicção e altos privilegios; que o castello de defeza da barra foi mandado construir por D. Duarte, duque de Guimarães, sob a direcção d'um engenheiro italiano Philippe Tercio; que a obra d'esta edificação militar foi mandada continuar pelo duque D. Theodosio em 1624 sob a inspecção do sargento-mór Antonio de Villalobos; finalmente relatam que em 1636, sendo primeiro capitão do castello Manuel Francisco, seu filho, o conego Belchior Maio, ali achou uma saphira marinha que vendeu a um lapidario do Porto que, por 25\$000 réis, a transferiu a um joalheiro francez que a levou para Paris, onde deu a bella quantia de vinte e oito contos de réis.

A villa está actualmente servida por um caminho de ferro viareduzida, tem magnificos edificios, um amplo caes e espaço para as feiras mais importantes; é uma praia distincta e muito regularmente frequentada; a ponte sobre o *Ave*, o convento agora transformado em Casa de Reclusão, os Paços do Concelho, as azenhas no rio, a delegação da alfandega, o antigo estaleiro onde outr'ora se fizeram notaveis construcções navaes, o castello reformado posteriormente pelo conde de Lippe, o monumento do desembarque

do primeiro expedicionario da cruzada liberal, o marquez de Sá da Bandeira, a 8 de julho de 1832, tudo contribue para dar a esta villa um logar distincto entre as populações do nosso poetico Minho e tornar a digna de ser visitada.

Ha, porém, para os estudos da arte e para os interesses da archeologia um monumento religioso d'alta importancia, é a igreja matriz, estylo gothico-florido com adornos de decoraçao feitos com aprestos maritimos, como era uso nas construcções do reinado de D. Manuel, o que veiu a crear uma designação de estylo chamado manuelino.

Cercado d'um espaçoso adro defendido por uns parapeitos de cantaria, ergue-se o magestoso templo com um bem delineado portico, tendo ao lado a torre. E' de tres naves e com apumadas columnas e altares apparatusos onde as reconstrucções já fizeram a sua natural profanação na differença de estylos.

Este sanctuario religioso, com todos os delineamentos de opulenta architectura e os requintes da ornamentação, é um dos monumentos que revelam as liberalidades com que el-rei D. Manuel distinguuiu as povoações do littoral ao norte do paiz em agradecimento aos valiosos serviços que prestaram os bons marinheiros portuguezes d'aquellas paragens.

São d'isto um irrecusavel testemunho a construcção do templo d'Azurara, embora de estylo gothico mais singelo, o de Villa do Conde, o da matriz de Vianna e o de Caminha, que é um primor de architectura e, além da construcção dos templos, a riqueza das alfaias, de que restam como preciosos exemplares e altamente artisticos os calices de Caminha e de Vianna, actualmente na posse das confrarias dos Mareantes. Padrões da gloria portugueza n'esse periodo memoravel da Renascença e na epocha venturosa das nossas mais notaveis descobertas e conquistas, esses templos, essas deslumbrantes manifestações da ourivesaria portugueza e esses paramentos e tapeçarias distribuidas pelos sanctuarios religiosos, são paginas soltas do poema da patria, n'um primor epico d'essa grandeza e opulencia, que não volta.

F. J. PATRÍCIO.

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



A ascensão

Quadro de Raphael Sanzio

A ultima carta pastoral do sr. cardeal Netto

Eis a carta em que o sr. D. José Netto se despede do clero e dos diocesanos do patriarchado:

José III, por mercê de Deus, Cardeal Patriarcha de Lisboa, etc., etc.

Ao Excellentissimo e Reverendissimo Cabido da Santa Sé Patriarchal, aos Reverendissimos Desembargadores, Vigarios Geraes e da Vara, Reverendos Parochos, mais Clero e Fieis do Patriarchado, saude, paz e benção em Jesus Christo, Nosso Redemptor.

A noticia da Nossa renuncia ao Patriarchado de Lisboa é hoje um facto que ninguem já ignora. Os jornaes tornaram



O cardeal sr. D. José Netto

Que durante 24 annos exerceu o cargo de Patriarcha de Lisboa

bem publico e notorio o decreto, em que Nos foi communicada a resolução definitiva do Vigario de Jesus Christo, de accordo com o governo de Sua Magestade, e pelo qual eramos alliviado do pesadissimo onus pastoral.

Não deixamos porém, filhos dilectissimos, omitir por isso o que se nos afigura um dever — a obrigação de tambem vo-la communicar. Se era desnecessario para vos certificades da verdade do facto, tornava-se indispensavel para o justo desafogo do Nosso coração de Pastor, que vos cercou de cuidados durante 24 annos, e que não podia, n'uma das horas mais

solemnas da nossa vida, esquecer as mil provas de affecto e dedicação de que vos somos devedor.

Impunha-se pois o dever de, antes de Nos separarmos de vós, patentear bem claramente o vivo reconhecimento, com que Nos sentimos penhorado por todos os nossos amados Diocesanos.

Com o nosso Rev.^{mo} Cabido conservámos sempre a melhor harmonia. Unido ao seu condigno Prelado, que n'elle encontrou sempre luz e conselho nos momentos difficultosos do governo do Patriarchado, recebemos d'elle inequivocas provas de consideração e estima que não podemos olvidar, o que aqui mui cordealmente lhe agradecemos.

Aos Rev.^{mos} Desembargadores, Vigarios Geraes, Parochos e mais cooperadores nos sagrados ministerios muito e muito agradecemos o zelo com que trabalharam no bem das almas.

Com todo o affecto protestamos ao pessoal do Nosso Seminario as frequentes e sinceras demonstrações de amor filial, de que fomos alvo durante o longo periodo do Nosso governo.

A's benemeritas associações religiosas, que trabalharam sempre com valor a Nosso lado, somos devedor de singulares provas de dedicação, com que tantas vezes nos confortaram; recebam estas santas corporações, os protestos do nosso singular reconhecimento.

Emfim a todos os Nossos amados diocesanos quero deixar bem viva a lembrança do Nosso profundo affecto, e por isso lhes significamos que os incluímos a todos em um abraço paternal, supplicando a Deus com todas as veras da Nossa alma, que os livre das insidias de todos os inimigos e lhes dê a verdadeira paz e felicidade.

E porque é proprio da fragilidade humana cahir em faltas e defeitos, não obstante os sinceros desejos da melhor boa vontade, não podemos deixar de sentir, que por culpa Nossa, que não por má vontade, vos tenha por vezes causado desgostos.

Perdoae ao Vosso Pastor toda e qualquer falta, com que vos julgeis offendidos, na certeza de que podeis igualmente considerar esquecidas as em que porventura tenhaes incorrido para connosco.

Por ultimo lembro a todos, e de um modo particular ao Nosso amado clero, o sagrado dever de respeito e obediencia, que deve ao seu Prelado. São innumeradas, Filhos dilectissimos, as difficultades de que está erigado o munus pastoral, especialmente n'este Patriarchado. Toda a energia e boa vontade de um Prelado fatalmente se inutilisaria sem o espirito de ordem, em que deve primar sempre o clero. Não lhe criéis embaraços, nem aggraveis a sua cruz, já de si tão pesada, mas antes nos desempenhos dos vossos respectivos ministerios mostrae-vos sempreis doces a seus avisos e conselhos, e d'este modo tornareis mais facil a sua missão, e bem mais fructuosos os vossos trabalhos.

E enquanto pedimos a Deus encha de suas benções o futuro Pastor, recebei vós, Filhos dilectissimos a que pela ultima vez vos concede como penhor de todas as felicidades o vosso affectuoso Prelado: Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Dada em S. Vicente de Fóra, aos 14 dias do mez de Novembro de 1907.

✠ José, Cardeal Patriarcha.

Monsenhor Carlos Rego, Secretario de S. Em.^a Rev.^{ma}

Registado no livro competente da Camara Patriarchal.

Monsenhor Carlos Costa.

Passeios na Extremadura



NA QUINTA DA CARDIGA.

(Cliché de D. Izaur de Sousa — amadora).

Existe felizmente ainda em Portugal a pratica da hospitalidade franca e affectuosa. E aprecia-se como uma virtude, como a mais nobre das fidalguias. O cordial agasalho dado aos amigos é uma tradição que ennobreceu sempre as grandes casas das nossas provincias.

Ha um mixto de cortezia e de amizade no bom acolhimento, que o torna distincto e sincero.

Assim, para obsequiar os seus hospedes, srs. Ollegario de Sousa e familia, de Lisboa, promoven o sr. Antonio da Silva Courinha, de Alcanena, dois passeios aos Olhos d'Agua, as nascenas do Alviella, e á quinta da Cardiga, do sr. Luiz Sommer, a sumptuosa estancia de verão, que foi dos freires de Christo, na Gollegã.

Das alegres excursões, a que deram ensejo estes passeios, faziam parte dois photographos amadores: a senhora D. Izaura de Souza e o sr. Jacome S. Ramalho, que tiraram varias photographias, algumas das quaes ficam reproduzidas n'esta revista.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXXVII

Ex.^{ma} Sr.^a

D. Barbara de Carvalho Soares

Quinta da Portella

FOLHADOZA

(Douro)

Novembro, 25.

Ex.^{ma} Sr.^a do meu maior respeito:

Muito estimarei, senhora D. Barbara, que estas mal alinhavadas regras vão encontrar v. ex.^a e todos os que lhe dizem respeito no goso de uma feliz saude, n'essa tão linda, tão tranquillã e tão galhadora casa de Folhadosa, onde ainda não ha quatro mezes encontrei tantos braços abertos, tantas palavras amigas, tantos sorrisos de bondade e tantas tijellas de marmelada para conforto de minha alma peccadora e de meu combalido corpo.

Eu não bem, mas antes assim que peor. Os achaques do costume proseguem no justiceiro mister de acabar com esta existencia improductiva, coadjuvados ha dias por um impertinente rheumatismo no pé esquerdo e nas cruces. Um flagello, minha respeitavel senho-

ra! Não vale a pena relatar a v. ex.^a o que tem sido estes meus ultimos dias, obrigados a colheradas de iodeto de potassio e a fricções com opodeldoc. A alma compadecida de v. ex.^a facilmente adivinha os meus tormentos e os lastimará, o que desde já agradeço.

Isto ainda assim seria supportavel se o espirito estivesse tranquillo. Mas tai não succede. Actualmente, os tormentos moraes excedem, por aqui e em todos nós, os flagellos physicos. Lisboa inteira soffre, n'este momento, pelas extremidades: — nos pés, rheumatismo; nas cabeças, João Franco. Que resistencia de organismos, minha senhora Raça portugueza e está dito tudo.

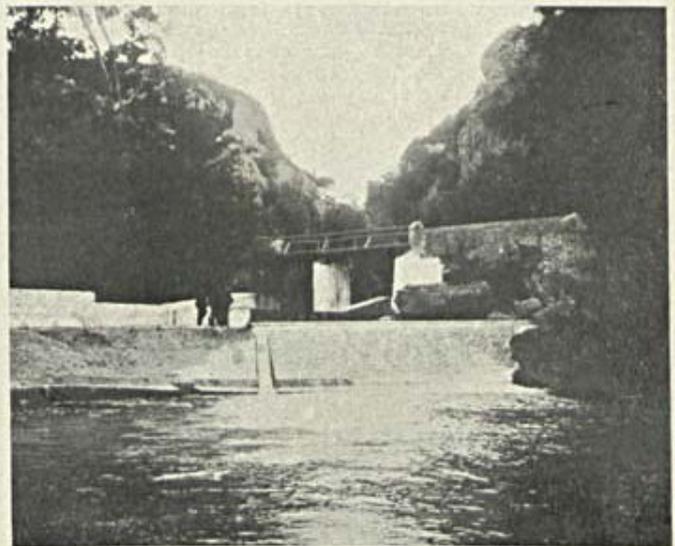
Um d'estes dias logo que o pé me permita andar, irei aviar as encommendinhas de v. ex.^a. Mas quanto aos jornaes, devo dizer a v. ex.^a que não lh'os posso arranjar por este simples motivo: porque não se publicam. Queixa-se v. ex.^a amargamente de ter suspendido a bem amada leitura de seus folhetins e como boa portugueza que é, attribue a ausencia dos periodicos a falta do correio. Não, minha boa senhora, não. O correio não extraviou as gazetas de v. ex.^a; foi o sr. Segurado, governador civil cá do districto.

Não me pergunte v. ex.^a as razões que levaram o sr. Segurado a este extremo, porque eu não lh'as digo com risco de escandalisar v. ex.^a, a quem devo tantas finezas. Mas v. ex.^a comprehende que eu, no estado em que me encontro, não estou em condições de ir malhar com os ossos na cadeia.

Eu estou d'aqui a vêr o espanto que alterará as feições de v. ex.^a ao lêr o que deixo dito e a crise de curiosidade que v. ex.^a vae soffrer pela falta de amplas explicações sobre essas palavras. Mas eu não posso dizer mais nada, minha querida senhora, e no assumpto ponho ponto final, pedindo a v. ex.^a nos recomende a todos, em suas piedosas orações, a Nosso Senhor.

A's perguntas que v. ex.^a me faz sobre venda de fundos externos e das oitenta libras, nada posso responder. Desculpe v. ex.^a mas creia que a culpa não é minha. Eu d'esses assumptos não trato. Se amanhã eu fosse á Bolsa negociar os seus titulos ou ao Campião vender as suas libras, corria o risco de ser preso por fomentar o descredito do paiz e lançar a perturbação no mercado. E tambem pela mesma razão não posso informar v. ex.^a sobre os preços correntes para os papeis e o agio do ouro, porque variam muito, e quem dá informações falsas seja a respeito do que fôr, corre o risco de nunca mais se metter em outra. Não se espante, D. Barbara, não se espante! E' isto, assim mesmo. V. ex.^a comprehende, certamente, o meu ardente desejo de lhe explicar as razões d'estas estranhas coisas; mas não o posso fazer, minha senhora, não o posso fazer.

Apenas direi a v. ex.^a que isto por cá vae muito mausinho, muito mausinho. Não ha garantias individuaes e os ovos estão a tres tostões e parecem de pomba. E' o terror a lavar entre as galinhas. E o mais, assim, á proporção. Um cavalheiro que mora aqui ao lado e tem muita pratica do mundo, está sempre a gritar á familia que ninguem sabe o que será o dia de amanhã! Ainda agora passou pela rua um homem apregoando que amanhã anda



Passeios na Extremadura. — NOS «OLHOS D'AGUA».

(Cliché de Jacome S. Ramalho — amador)

a roda. Bem se fia a gente n'isso. Só se fôr alguma roda de pontapés em quem não ande muito direitinho e mettido com a sua vida. Pois!

Cheira a esturro, minha boa senhora! A panella nacional tem bispo! Veja v. ex.^a se comprehende estas sybilinas phrases porque eu não posso ser mais explicito. E' provavel que já ahí tenha che-

gado o cheirete; mas se não chegou e se v. ex.^a d'elle se quer aperceber, recommendo-lhe a receita do bufo das *Favas contadas*:

Fareja! Fareja!
Toca a farejar!
Ha o quer que seja,
Anda coisa no ar!

Anda, minha senhora, anda. Anda um cacete.

Hoje mesmo vão os jornaes de modas, que ainda não foram suspensos por sua circulação não ser considerada perigosa para a ordem publica. No entanto, quanto chefe de familia poderia afirmar,



Passeios na Extremadura. — Nos «OLHOS D'AGUA».

Um grupo de senhoras

(Cliché de Jacome S. Ramalho — amador).

quando chamado á auctoria para tal fim, que elles são grandes elementos perturbadores da ordem domestica!

Não sei se v. ex.^a encontrará n'elles, ou melhor a Ermelindinha, os desejados modelos de chapéus de inverno. Não tive tempo para os folhear. Mas vou tentar dar-lhe uma idéa d'esses chapéus *dernier cri*, como agora se diz em estylo Mimoso. Elles são... não, positivamente não sei explicar. E' tarefa superior aos meus apoucados recursos litterarios. Só o estylo colorido do sr. Fialho de Almeida ou a penna perita de madame Blanche de Mirebourg poderiam dar a v. ex.^a uma pallida idéa (meu Deus, cá estou eu a confundir chapéus de senhora com discursos do sr. Arroyo!) d'essas maravilhas de elegancia. Mas agora me lembro. Corram, v. ex.^a e a Ermelindinha, ao escriptorio do sr. commendador e procurem, na secretária, um limpa-pennas, que lá deve estar, feito de retalhos sobrepostos. Pois os chapéus da moda são, pouco mais ou menos, o limpa-pennas, do sr. commendador, differencando-se d'elle por serem muito maiores e por não servirem... nem para limpar pennas. Acresce



Passeios na Extremadura. — EM ALCANENA. — N'um jardim.

(Cliché de D. Izaura de Sousa — amadora).

uma outra circumstancia em desabono dos alludidos estafermos, e é ser preciso ter cabeça muito leve para suportar lhes o peso.

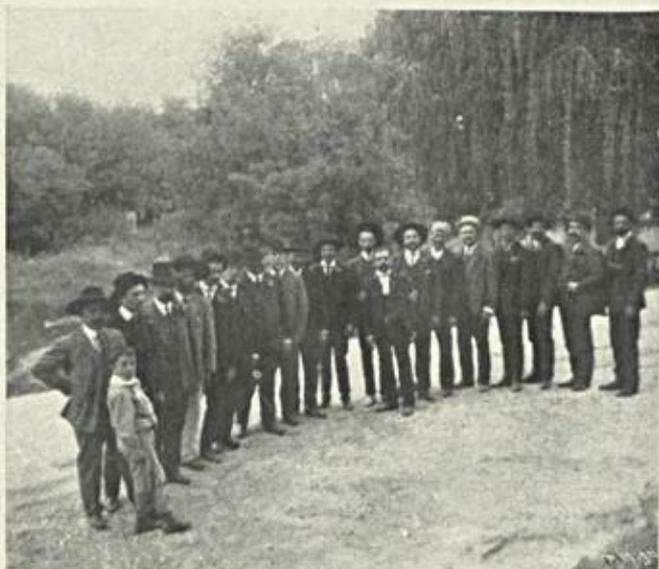
Relativamente a doces e massas nada remetto agora porque nada ha de novo. Mas espero enviar brevemente a v. ex.^a uma nova marca de bolachas "Augusto José da Cunha", que não deve tardar por ahí uma loja de barbeiro.

As homenagens confortativas e de utilidade geral estão muito em moda e o illustre e recente republicano não poderá furtar-se a ellas. Presidente da republica não digo que o sr. Cunha venha a ser. Mas de ser padrinho de uma marca de biscoitos da Pampulha e de um chapéu molle para nove tostões,— d'isso é que nem Deus Nosso Senhor o livra. E já não metto em linha de conta as associações de soccorros mutuos, os bilhetes postaes, os collarinhos, os sabonetes...

A propaganda revolucionaria tem sido muito intelligentemente feita, valha a verdade, minha querida senhora. Para que v. ex.^a d'ella faça uma ligeira idéa, dir-lhei que eu, que nunca fui jacobino, verifiquei de bocca aberta, sem que entrasse mosca nem sahisse asneira, graças a Deus, que em minha casa se comem ao chá biscoitos Alexandre Braga, que nos lavamos com sabonetes Affonso Costa, e que eu uso chapéu Antonio José de Almeida e collarinhos João de Menezes. Nem sei como ainda não fui preso!

Terminarei pelo negocio da sua creada Rita.

Diga-lhe v. ex.^a que por agora não me parece conveniente a sua vinda para Lisboa, por motivos que passo a expôr. Casa e casa boa



Passeios na Extremadura. — Nos «OLHOS D'AGUA».

Grupo de excursionistas

(Cliché de Jacome S. Ramalho — amador).

lhe arranjava eu. Aqui mesmo, ao pé da minha, ha uma familia que precisa rapariga da provincia para creada de fóra, dando bom ordenado. E é casa farta e as senhoras são muito boas, não desfazendo. Porém não é por ahí que o gato vae ás filhós.

O peor é que eu não posso arranjar com a mesma facilidade um municipal. Estão pela hora da morte, minha rica senhora, segundo informa a minha creada, que tem muita pratica d'estas coisas. Não os deixam sahir dos quartéis nem receber correspondencia que não seja de origem familiar. As ordens são muito apertadas e elles são muito disciplinados, de modo que se não pode contar com uma defecção.

A Rita que tenha paciencia, que espere. Este estado de cousas não durará muito, se Deus quizer. E quando tudo voltar aos eixos, eu lhe prometto arranjar, em vez de um, dois municipaes. Mas agora nem pensar n'isso é bom.

Ora, pois; o que a Rita tem a fazer é aguardar o restabelecimento da normalidade constitucional.

Cá estamos todos a trabalhar para ella,— o bloco e eu.

Beija-lhe as mãos o

De V. Ex.^a
Adm.^o e humilde servo,

CAMARA LIMA.

N'uma casa de pasto

— Quanto custa um bife com môlho?

— Sete vintens.

— E sem môlho?

— E' o mesmo preço, o môlho é de graça.

— N'esse caso traga-me um prato com môlho e pão para sopas.

Os lenços

Se entre os romanos passava por descortez quem puxava pelo lenço para se assoar, entre nós não passa por outra coisa quem deixa de puxar por elle em certas occasiões.

Agatocles, que era forte em prégar ás massas, quando estava com a oratoria a contás, lançava mão da capa e com ella limpava as snigidades do nariz. Era o modêlo de acoio!

«Entre os antigos — diz Winkelman — não estavam em uso os lenços de assoar, mesmo porque o uso diario de banhos e o emprego continuo de balsamos, perfumes e flôres, tornavam as construcções sêccas.»

Os japonezes fazem uso de guardanapos de papel, em lugar de lenços de algodão, linho ou sêda, que inutilizam logo que d'elles se servem, levando muito a mal que os europeus guardem os lenços sujos.

O lenço é das peças de roupa uma das mais necessarias e as senhoras, principalmente, dão-lhe muito uso, não só para a algibeira como para o pescoço e cabeça.

Em outro tempo, os magistrados serviam-se de longas toalhas de linho em vez de lenços de assoar.

As camponezas das nossas provincias usam, quasi sempre todas, de lenços nos chapêos e de grandes lenços no pescoço. Por não sympathisarem com o numero tres, falta-lhes ás vezes o da algibeira.

Não ha pregoeiros de leilão de arraial sem lenço atado na cabeça. A essa praxe nunca elles faltam.

De França e Inglaterra é grande a importação de lenços que chegam semanalmente para consumo do nosso paiz.

Os lenços têm acompanhado o progresso, e para prova, é vêr que n'elles se tem dado publicidade aos successos mais notaveis do mundo.

Em lenços de sêda e de algodão ha edições de mappas geographicos, desenhos das batalhas, estampas dos mais bellos animaes, pinturas dos mais celebres edificios, e até retratos dos homens mais notaveis da actualidade!

E mais: com lenços de assoar até se pôde aprender a ler e a escrever! Ha-os não só com abecedarios, como com poesias, scenas comicas e mesmo peças de musica!

Tambem ha lenços com caricaturas proprios para brinquedos de creanças.

Os nossos avoengos usavam grandes lenços de sêda ao pescoço. Essa moda já la vai. As modernas gravatas puzeram de parte os taes famosos lenços, que por serem grandes em demasia, havia até quem os partisse em tres pontas, guardando a segunda metade para substituição da primeira. O caso é que todos n'esse tempo andavam com o queixo levantado e agora vê-se por ahí muita gente com o queixo cahido e quasi sem pescoço.

Com os lenços se marcam os logares nos theatros, se diz adeus de longe aos que partem e se apagam as lagrimas que os desgostos causam.

Os lenços servem-nos para limpeza do suor e do fato, de almofada quando pretendemos ajoelhar e de envolvero de qualquer artigo que desejamos occultar de vistas profanas.

O lenço atou n'outros tempos muitos nós indissoluveis. Fez muitos casamentos. Figurava nas algibeiras do peito para encobrir as settas de Cupido, e á esquina largava a posição para dar o ultimo adeus ao bem

amado. Hoje já não ha donzellas que vão ao templo levadas pelo lenço de assoar. As damas queriam tanto ao tal lencinho, que não sahiam á rua sem o levar na mão, preso pelo centro e com as quatro pontas cahidas. Hoje é moda trazê-lo na cintura ou em saquinhos que se assemelham muito aos dos andadores que pedem esmola para o Santissimo Sacramento.

O lenço, que na mocidade tantas vezes serve de bandeira, atado ao cabo da vassoura, e sobre os olhos no jôgo da cabra cega, na velhice acompanha as descarnadas mãos da humanidade, em boa harmonia com a caixa do rapé e a bengala de cana da India, e serve por fim para amararr os queixos dos que passam d'esta para melhor vida.

E' bem certo que o lenço acompanha o homem do berço á sepultura.

TU E AS FLORES

As flôres mais primorosas
Ante a tua formosura,
Mostram-se tristes, zelosas...
E dizem todas chorosas:
Que és a sua desventura.

Já os cravos confessaram,
Carpindo mil dissabores,
Que um dia que te admiraram
Traiçoeiros lhes roubaram
Teus labios as suas côres.

As rosas estão furiosas,
E choram tristes, coitadas...
Pois creem não haver rosas,
Que ás tuas faces formosas
Possam ser hoje igualadas.

Até já uma commissão
De florinhas de mil côres,
Resolveu com afflicção,
Que levada esta questão
Fosse ao nobre rei das flôres.

Vaidosa de seus perfumes,
A rosa lesta marchou
Para os ceus d'aereos numes
E ali seus tristes queixumes
Ao rei dos anjos ditou.

Responde o anjo formoso,
— O mais formoso dos ceus —
Que estava tambem furioso
Por vêr o brilho radioso
Dos brilhantes olhos teus.

Pinheiro Marques.

Reunião dos progressistas dissidentes

Em 17 de novembro de 1907



Da esquerda para a direita: — Visconde de Ribeira Brava, Visconde de Pedralva, Egas Moniz, dr. Zeferino Falcão, dr. Pedro Martins, conselheiro José Maria de Alpoim, dr. João Pinto das Santos, Bernardo de Alpoim, J. A. Moreira de Almeida, Visconde de Ameal, dr. Cassiano Neves e dr. Antonio Centeno
(Clube de A. C. Lima).

O casamento da Princesa Luiza d'Orleans

Politica internacional

Realisou-se no dia 16 do mez findo no palacio do Wood Norton, uma das tres residencias que os Duques de Orleans possuem na Inglaterra, o casamento da Princesa Luiza, irmã de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, com o Infante D. Carlos de Bourbon.

A cerimonia da qual foram padrinhos por parte da noiva os Duques de Orleans e de Guise e por parte do noivo o rei de Hespanha e o Duque da Calabria, revestiu uma imponencia verdadeiramente



A Princesa Luiza d'Orleans

régia, tanto pelo alto nascimento dos noivos como pela elevada gerarchia dos convidados, observando se rigorosamente a etiqueta da antiga cõrte de Versailles. Occupando-se d'este assumpto e desejando aos noivos as maiores felicidades, o *Brasil-Portugal* cumpre um dever não só pela importancia do facto mas ainda, principalmente, pela sua relação muito intima com a Familia Real Portuguesa.

A Princesa Luiza nasceu em Cannes em 1886.

E' filha dos Condes de Paris e portanto irmã de Sua Magestade a Rainha, dos Duques de Orleans e de Montpensier, da Princesa Helena, Duqueza de Aosta e da Princesa Isabel, Duqueza de Guise.

O ramo Orleans da casa de Bourbon descende de Philippe, Duque de Anjou e de Orleans, filho do rei Luiz XIII de França.

Em consequencia da revolução franceza de 1830, o ramo primogenito dos Bourbons, representado pelo rei Carlos X, foi desthronado, cingindo a corõa o então Duque de Orleans.

Em 1883 extinguiu-se o ramo primogenito dos Bourbons passando desde então o Duque de Orleans a ser o chefe dos Bourbons de França.

O Infante D. Carlos nasceu em Gries (Tirol-Austria) em 1870.

Em 1901 naturalizou-se hespanhol sendo-lhe conferido pelo rei de Hespanha o titulo de Infante e casando n'essa occasião com a Princesa das Asturias, irmã de Affonso XIII, a qual falleceu dando á luz uma filha.

O Infante D. Carlos pertence tambem á casa de Bourbon — ramo das Duas Sicilias — que reinou em Napoles até á unificação da Italia.

E' filho do Conde de Caserta, Affonso de Bourbon, irmão de Francisco II, ultimo rei de Napoles, e da Princesa Antonieta tambem da casa de Bourbon e do mesmo ramo.

Realisou-se, com o cerimonial de antemão combinado, a visita a Londres do imperador e da imperatriz da Alemanha. A acreditar o que nos dizem os correspondentes, a entrevista foi sobremaneira cordial. Não faltaram as recepções, as manifestações festivas das corporações officiaes, os brindes affectuosos, e até, se o telegrapho não mente, o entusiasmo popular a saudar os imperiaes viajantes. O Kaiser recebeu o diploma de doutor em leis, que lhe foi offerecido pela Universidade de Oxford, e não se esqueceu de, n'um dos seus discursos, afirmar outra vez que "o sangue é mais espesso do que a agua", do que, seja dito de passagem, parece que se olvidou quando resolveu telegraphar ao presidente Krüger a celebre mensagem, uma das causas proximas da guerra sul-africana.

Pelo seu lado a imprensa allemã, não querendo ficar atraz em gentilezas, celebra com singular unanimidade a cordealidade da recepção que teve em Londres o par imperial, e augura d'esta recepção uma apreciavel melhoria de relações entre os dois paizes.

Como se vê, se não se está em verdadeiro idyllio internacional ainda, para lá se caminha. Mas a quem pretende enganar a diplomacia com as suas hypocrisias? Porventura, quer a Inglaterra quer a Alemanha, estão a estas horas illudidas com respeito ao alcance politico da entrevista que acaba de realizar-se? Seria ingenuidade de mais o suppô-lo.

A rivalidade entre a Inglaterra e a Alemanha não é d'aquellas, que desaparecem pelas boas relações entre duas familias reinantes, admittindo mesmo a hypothese, que é sincera e sem pensamento reservado, da approximação entre os dois chefes de estado. Já n'uma d'estas revistas o dissémos e temos novamente ensejo de o repetir: Um accordo duradõro entre a Alemanha e a França é possível; entre a Alemanha e a Inglaterra é impossivel. Porque? Porque, apesar da Alsacia e Lorena e das recordações sangrentas do "anno terrivel", desde o momento em que a França voluntariamente abdicou do seu primado industrial, commercial e maritimo, não ha nada, a não ser razões de ordem sentimental, e estas contam cada vez menos na moderna politica internacional, que fundamentalmente a separe da Alemanha. Pelo contrario as duas nações até se completam, e uma alliança entre as duas talvez que seja apenas questãõ de tempo.

Com a Inglaterra, porem, o acaso muda de figura. Apesar de o mundo ser vasto, é certo que não cabem n'elle as duas ambições — a allemã e a ingleza —, ambas com os mesmos sonhos de dominio universal, ambas fazendo consistir o fim de toda a sua actividade na mesma expansãõ colonial, industrial e maritima, que tem, conforme cada uma d'ellas pensa, de pertencer a uma só exclusivamente. N'estes termos, como é possível o accordo? Acima de toda a boa vontade individual está a fatalidade da situação, em que cada uma das duas nações está collocada.



O casamento da Princesa Luiza d'Orleans
O Infante D. Carlos de Bourbon

Disse-se que Eduardo VII e Guilherme II, depois de examinarem n'uma longa conferencia todos os problemas, em que tinham interesses as duas nações, chegaram á conclusão de que não havia antagonismo algum entre ellas nem circumstancia alguma que impedisse a sua boa harmonia e camaradagem. E' duvidoso que tal cousa hajam affirmado os dois imperantes. Mas se o disseram, ou mostraram uma singular ignorancia das condições dos paizes de que respectivamente são chefes, ou julgaram que, mostrando-se para a galeria possuidos de tão infantil optimismo, podiam no mais minimo alterar o curso dos acontecimentos. Ora este curso é fatal, inevitavel, e não podem modificá-lo visitas de familia ou mesmo entrevistas de politicos. E a prova de que assim é, está nas modificações que, exactamente n'este momento e não obstante as visitas de Wilhemshohe e de Londres, a Allemanha vae introduzir no seu programma naval, modificações tendentes a acelerar e desenvolver em mais larga escala as construcções de novas unidades de combate.

Haverá testemunho mais eloquente da inanidade dos idylls entoados n'este momento pela imprensa dos dois paizes?...

Emquanto o imperio allemão aspirou apenas a ser uma grande potencia continental, tal como a sonhou Bismarck e a delineou nos seus planos de dominação europeia, era perfeitamente possivel e até logica senão uma alliança pelo menos uma *entente* politica entre as duas nações. Na Inglaterra pensou-o Chamberlain e chegou mesmo a proclamá-lo em um discurso celebre. Era a alliança dos anglo-saxonios e dos allemães, os dois ramos da grande familia germanica, que assim tomava posição contra os latinos e os slavos, principalmente representados pela França decadente e pela Russia corrompida.

Mudaram, porém, os tempos. O proprio Bismarck sob a pressão dos interesses industriaes e commerciaes do imperio teve de transigir com as novas tendencias dos seus compatriotas, e na conferencia de Berlin, convocada para regular a questão do Congo, principiou a affirmar-se a interferencia da Allemanha nas questões coloniaes. De então para cá a nova orientação do imperio não tem cessado de accentuar-se n'esta direcção e Guilherme II, declarando que "o futuro da Allemanha estava no mar", fez-se o porta estandarte da nova cruzada, de que a Liga naval allemã é o mais firme sustentaculo e o mais entusiastico campeão. N'estes termos o desafio á hegemonia colonial e maritima da Inglaterra está lançado, e mal se comprehende como sinceramente se persiste em proclamar, que os interesses das duas potencias em parte alguma estão em irremediavel conflicto!... Uma situação assim não é com visitas diplomaticas, com festas e com brindes, que se transforma. Se a Allemanha de facto não pretende disputar á Inglaterra o sceptro dos mares, tem um meio bem simples de o demonstrar: é fazer uma importante redução no seu programma naval. Uma medida d'esta ordem concorreria mais para restabelecer a harmonia entre as duas nações, desfazendo todos os pretextos de hostilidade, do que visitas, festas, entrevistas e discursos, que nada significam e em nada alteram a situação. O que não faz sentido, effectivamente, é estarem os dois paizes a confraternisar nas mais calorosas expansões de amizade, continuando ao mesmo tempo cada qual pelo seu lado a activar as construcções navaes, que são a pedra de escandalo causadora da inimizade que os divide. Esta comedia, que se está representando perante a Europa e o mundo, não illude ninguem e

é preciso que acabe por honra dos que n'ella figuram. Se a Inglaterra e a Allemanha querem de facto reconciliar-se torna-se necessario que o demonstrem não por palavras, mas por actos, e estes só podem ser uma redução importante do programma naval d'esta ultima potencia, sobretudo.

Inaugurou as suas sessões no meio da mais geral indifferença a nova Duma. O entusiasmo que acompanhou a abertura da primeira e que ainda não deixou de saudar a segunda, faltou agora completamente, porque o povo russo não vio n'ella como nas anteriores o instrumento da sua libertação, mas apenas mais uma delegação da burocracia, que nada fará para lhe alliviar a sorte. Além d'isso o que até agora n'ella se tem passado só tem contribuido para lhe fortalecer a primitiva impressão. Emquanto que na primeira Duma predominava o elemento popular, propriamente dito, representado pela extrema esquerda, emquanto que na segunda Duma predominava a burguezia liberal, representada pelo grupo dos cadetes, n'esta terceira predomina a reacção, representada pelo bloco de todas as direitas, com numero de votos sufficiente para abafar todos os protestos da esquerda e para impôr apenas o que fôr do agrado da burocracia e que lhe não possa abalar a posição preponderante, que ainda mantem. Por isso a nação se desinteressa completamente do que possa dizer ou fazer a assembleia, que actualmente está reunida no palacio de Taurida.

Vê-se agora bem, que não foram infructiferas as operações realisadas pelo governo, depois da dissolução da segunda Duma, para a purificação do corpo eleitoral. Esta purificação significou nada menos do que a suppressão violenta e em massa, recorrendo-se para isso a todos os meios, dos elementos que pelo seu liberalismo, por timido que fosse, podessem incommodar o governo. De admirar é que ainda tivesse escapado algum candidato das esquerdas.

Em taes circumstancias, que ha a esperar da nova Duma? Que ha, sobretudo, a esperar para a pacificação da Russia, que continua a debater-se no cáos de uma revolução sem orientação practica, mas que tantos milhares de victimas tem sacrificado e continua a sacrificar ainda? A situação desgraçada de Odessa responde a esta interrogação. Basta que seja verdadeira apenas a metade do que dizem os telegrammas a respeito da situação d'esta infeliz cidade, para que se possa avaliar o horrivel inferno social, em que está convertida uma parte do imperio. E não é com uma Duma reaccionaria, que se modifica ou melhora este estado de cousas.

Na sua primeira sessão a Duma elegeu como presidente o sr. Khomiakov, pertencente ao partido dos outubristas. Mas logo em seguida elegeu para o resto dos cargos da mesa algumas das personalidades mais antipathicas e odiadas da extrema direita, como querendo mostrar que a nomeação do presidente, em vez de significar o triumpho de um dos grupos relativamente liberaes da assembleia, sómente representa a abdicção d'este grupo ante a supremacia da extrema direita, que consentiu em elege-lo para a presidencia um membro, a troco da renuncia de levantar na assembleia a questão da egualdade de direitos para os israelitas. Verdade seja que, no pacto concluido entre outubristas e a direita, esta ultima se comprometteu a reconhecer á Duma a qualidade legislativa, que os raccionarios da extrema direita queriam substituir pela de simples consultiva, aniquilando assim os ultimos vestigios do ukaze de 30 de outubro.

De qualquer das maneiras, com transacções ou sem ellas, a ter-



O casamento da Princeza Luiza de Orleans

As tres irmas da noiva: Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, a Senhora Duqueza de Aosta e a Senhora Duqueza de Guise

ceira Duma é uma assembleia de antemão condemnada pela nação, que nada d'ella tem a esperar. Qual é a situação do governo perante a sua obra? Parece nos que o sr. Stolypin não deve estar muito satisfeito, e que a victoria por elle alcançada excedeu em muito os seus desejos e sobretudo os interesses do governo, que na actual Duma vae encontrar talvez a maior difficuldade para continuar no poder.

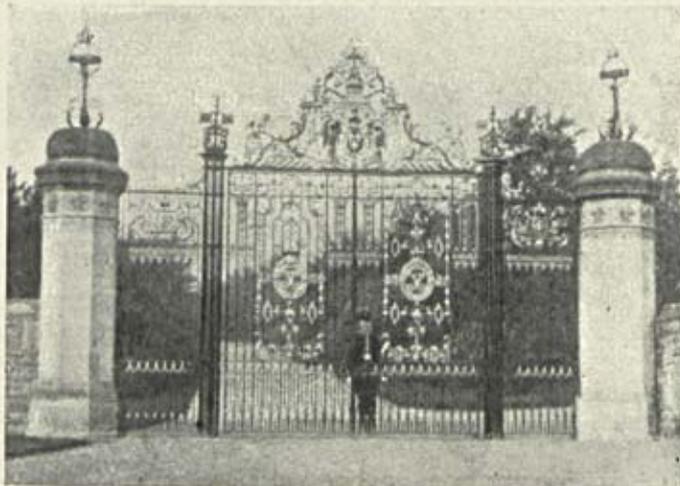
CONSIGLIERI PEDROSO.

Côr de rosa

Os convidados vão sahindo e alarga-se o espaço em torno da mesa caprichosamente ornamentada a branco e a vermelho, onde foi servido o "copo d'agua."

Nos olhos das raparigas as expressões maliciosas commentam os risos frescos tiltando nos seus labios rubros, que, ao dizerem o adeus á noiva, teem o particular condão de lhe accender nas faces rubores de papoula.

Da guarnição da mesa, passando pelo tom das cutis, até á côr da rosa predominante nos enfeites femininos, tudo alimenta esta atmosphera atordoante e tépida que põe palpitações no sangue á gente moça, tudo converge para uma só tonalidade que nos suggerem as tépidas essencias, o aroma dos vinhos desrolhados, e se refracta nas manchas de rubi e de topazio que incendeiam o fundo dos crystaes: a côr da carne, a côr da pétala, a côr das cousas no-



O casamento da Princeza Luiza de Orleans

Uma das portas do palacio de Wood Norton, residencia dos Senhores Duques de Orleans

vas que vão redropuzir-se... A côr das alvoradas, a tinta com que Deus traçou para a eternidade o plano immediato de toda a criação.

Das pessoas presentes a mãe é a unica que não beija a noiva com sorrisos; do seu peito zeloso, avaro de afeições, destilla uma lagrima de saudade sobre a filha que vae separar se do seu seio.

Mas no intimo a voz da natureza fala-lhe alto e não pode occultar, através d'aquelle pranto, uma irradiação alegre ao vê-lo par formoso que desce já a escada, a entrar, sob uma chuva de votos, de pétalas e sorrisos, no luxuoso trem que o leva a uma villa-paraiso, discretamente isolada n'um arrabalde pittoresco e florido.

Na meia obscuridade do *coupé*, o noivo, de olhos fitos na braza do charuto, adormentado pela ondulação das molas, espria por horisontes longiquos a imaginação ardente dos seus vinte e sete annos. E o futuro adquire, sempre no mesmo tom ardente, as nuances d'aquella braza que vae, por cada aspiração, do rubro cereja até o claro mais vivo e mais brilhante. Cada voluta de fumo que se esvae, leva consigo um pensamento, uma ascendente illusão, a que outra e outra se succede...

Ella, recostada no hombro do esposo, cedendo ao agradável cansaço das emoções do dia, cerra os olhos negros, de pestanas longas, enlevada nos ultimos sonhos de donzella; e a rêde capillar das palpebras é o roseo store por onde um tenue e indiscreto feixe da luz da tarde se cõa no seu cerebro, architectando-lhe caprichos iriados, visões ridentes de amor e felicidade: n'um céu onde os cumulus são corollas e tumidas inflorescencias, surge, entreabrindo-se, um botão: por entre as pétalas retrahidas apparece um cabecita fulva cujos caracões emmolduram uma face côr de rosa; os labios de cravo, recortados, articulam uma "mamã, argentino e carinhoso, doce como um nectario de açucena. A noiva, enlevada, arfando o peito alto, accorda n'um sorriso...

Apeiam-se. O sol vae declinando a pôr nos bordos franjados das estreitas nuvens uns tons de fogo brando.

Na alameda da entrada, por entre os carvalhos e acacias, a luz crepuscular da tarde banha, n'uma caricia quente, aquelle juvenil par que se enlaça pela cinta...

A mocidade refulge com a luz sanguinea que o sol envia a es-



O casamento da Princeza Luiza de Orleans

Fachada principal do palacio de Wood Norton

ses rostos felizes no seu dardejar de despedida; e, ao fundo, sob uma abobada de trepadeiras odorantes, elles deteem-se olhos incendiados no brazeiro do horisonte.

Alternando entre os cachos pendentes dos lilazes e as pitneas que se erguem verticaes, zumbem os insectos, brandamente, alouados pelo pollen, n'uma orgia de nectar e de amor.

No alto de um loureiro proximo, equilibrados nos bordos do seu ninho, dois melros entoam um cantico vibrante, crystalino, onde ha ternuras e arroubos, extasis e entusiasticas saudações. Os bicos longos, amarellos, ora se erguem em brados para o céu, ora se abaixam para os noivos, deixando cahir sobre elles, em tremulos gorgeios, os motivos mais sentimentaes da melodia.

Ao longe o sol desapareceu sem haver treva. A lua, rasgando duas nuvens em cortina, surgiu esplendorosa e cheia, deslizando no céu inda rosado.

Não era a lua vulgar das outras noites, o candido globo cuja missão é pratear a agua dos regatos e inundar de luz a superficie loura dos trigaeas.

A lua apparecia aos noivos com o rosto bondoso, arredondado, de gordunchuda matrona instruida nos segredos amorosos. Na bocca fendida largamente, um sorriso tão doce como o mel, escurria-lhe pelos cantos escuros e sulcados; e os olhos volvidos para a noiva n'um movimento gaiato, de través, a iris corrida até o canto, tinham uma extranha expressão, entre maliciosa e alegre; era a mesma expressão da velha Luiza, a creada que a vira nascer, quando, ao despedir-se em baixo junto á porta, a puxára a si para beijal a jovialmente, com uma intenção que ainda agora lhe vinha pôr nas faces ligeiras ruborisações de pejo.

Elle reparara tambem na attitude singular do branco astro noctivago. E no seu espirito de intellectual moderno, as reflexões logo



O casamento da Princeza Luiza de Orleans

Um aspecto do palacio de Wood Norton

se succederam, rapidamente, é certo, mas eivadas d'esse commum naturalismo com que hoje se commenta e se medita:

A expressão das cousas! O espirito dos mundos!...

Mas que somos nós vaidosos cerebraes, obra afastada da crea-

ção, relativamente aos seres minúsculos que nos habitam: microbios, protozoários...?

Que somos se não um mundo onde elles vivem e teem as suas luctas, onde preenchem as suas funcções, onde abrem e encerram o seu cyclo vital?... Revolvem-nos as entranhas, procurando, justamente, a vida que nós pedimos ao seio do nosso globo; o intimo do nosso seio é a fonte calorifica similar do fogo que no interior da

terra nos conserva as temperaturas creadoras. Essas vidas povoam o nosso corpo, nós povoamos o nosso orbe, os orbes povoam os espaços e estes enchem a immensidade onde está Deus.

Sorrimos, choramos, e entre estes dois pólos quantos cambiantes de expressão? Mas estas contracções, que entre nós são linguagem, acharão porventura interprete n'esses seres inferiores que nos habitam e devoram? Seremos, por certo, para elles tambem uns

A ceia offerecida pelo sr. D. Caetano de Bragança para celebrar a guitarra da "Severa"



Os convidados



A ceia. — Ao fundo vê-se a reconstituição da casa da Severa

Notas de "sport,"

No Velodromo. — As corridas organisadas pelo Victoria Club



Uma parte da assistencia

grandes mundos cuja psychologia lhes deve fugir, como a nós, normalmente, escapa o espirito subtil do espaço...

Precisa o homem para encontrar a expressão das cousas mudas atravessar momentos, condições psychicas, muito excepcionaes.

Mergulhados n'uma atmospheria estimulante, enlevados n'uma musica onde o desdobramento da vida era o thema unico, aquelles dois espiritos como que se iniciavam, por uma sobrenatural videnicia, no grandioso plano de Deus que o astro da noite lhes vinha a revelar.

Aquella lua de face inflammada n'um hallo coralino, oom manchas de topazio nos labios voluptuosos, era bem a doce lua de mel dos jovens recém-casados.

N'aquelle bom sorriso de malicia vinha ella dizer aos noivos, em seu nome e no de Deus Creador, que lhes desejava... muito boas noites.

Como violinos, n'uma surdina doce, os insectos continuavam a zumbir em quanto no alto os melros, esthesiados de luar, entoavam perante a Natureza um verdadeiro hymno de bodas.

A alameda levava direito á habitação. Pelos vidros das janellas



Notas de "sport," — No VELODROMO. — Corridas de velocipedes
A partida

olhando para o sul, coava-se a luz rosada que na alcova perfumada e tépida espalhava uma lampada baça, côr de cravo.

Lá estava a côr da carne, a côr da pétala, a côr das cousas novas que vão reproduzir-se!

Perturbou-os aquelle morno clarão, tirando-os do extasi para um orgasmo, para uma agitação toda interior. Instintivamente, cingidos sempre pela cinta, mãos frias e crispadas, o coração em fogo, seguiram automaticamente na direcção da luz.

Os melros, de cima do loureiro, alteraram o rythmo do seu can-

to: entoavam agora, com magestosa alegria, uma inspirada marcha nupcial.

Continuava a orgia dos insectos e das flores; os zangãos, de todo inebriadas, iam marcando a melodia n'um grave de bordões, característico, acompanhando os noivos até á porta em dansas voluptuosamente caprichosas.

Através dos vidros das janellas percebem-se os dois vultos.

A noiva approximando-se da vidraça olhou para o céu; e, rapida, n'um impulso de pudor, cerrou cautelosamente a dobradiça: a lua parecia-lhe parada no espaço, a espreital-a, de olhar travesso, continuando na sua cara redonda de matrona, sempre malicioso e perturbante, o mesmo sorriso rubro e indiscreto...

J. Reis Gomes.



Notas de "sport," — No VELODROMO. — Corridas de bicycletas
A partida

Tempo passado

Só do passado os dias bons lembramos,
Os maus esquecem com facilidade,
E é por isso que é sempre com saudade
Que o tempo já passado recordamos;

E quanto mais no fundo o perscrutamos,
Cheios de uma indizível anciedade,
Mais a gente se afasta da verdade
E de cada vez mais nos enganamos.

Tal como o caminheiro que, voltado
Para o arduo caminho já andado,
Os pés ainda em sangue da viagem,

Olha, ao longe, essa estrada pedregosa
Como uma estreita fita luminosa
Atravessando as sombras da paisagem!

Gomes Sanches.



Notas de "sport," — No VELODROMO. — A corrida de andas
(Oitichs do A. C. Lima).

PROVERBIOS TURCOS

Só o tólo cáe duas vezes no mesmo buraco.
Quem te conta os defeitos alheios, conta também os teus aos outros.

Entre dez homens, nove são mulheres.
Não chores pelos mortos mas pelos tólos.
Duas orelhas e uma só lingua — portanto ouve duas vezes por uma que fale.

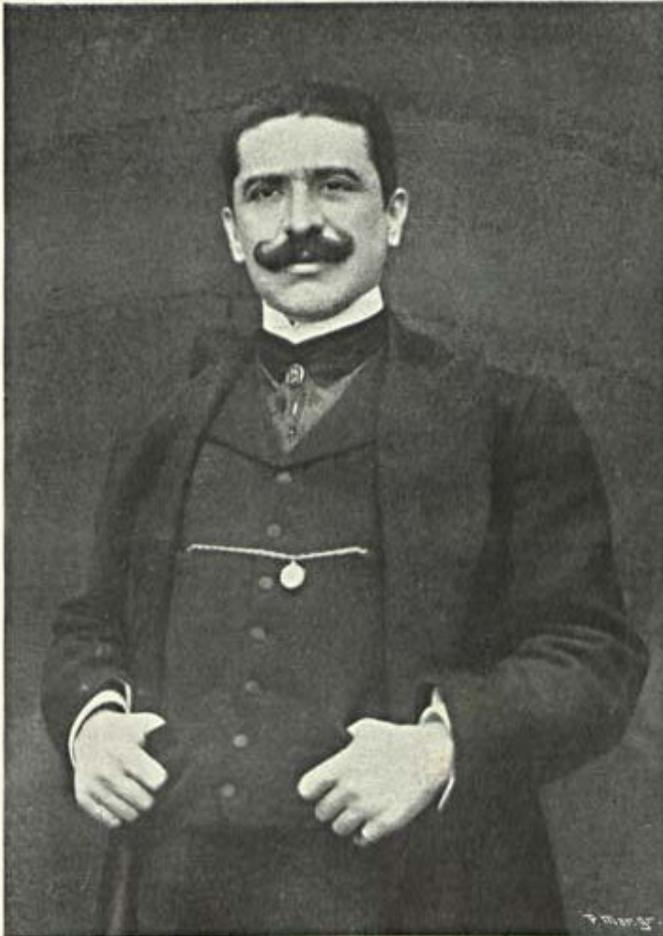
Quem hesita entre duas mesquitas recolhe sem ter resado.
Os cães ladram — mas a caravana passa.

Theatros

JUDAS

Poema dramático em quatro jornadas

Scena ultima da 2.ª jornada



Augusto de Lacerda
Auctor do «Judas»

JUDAS

Em que pensas, Maria? O teu formoso olhar,
que era d'antes tão meigo e puro como o luar,
ha tempos que derrama um brilho vago, incerto,
e em nuvens de tristeza agora anda encoberto.

MARIA com simplicidade:

Por vezes, sem querer, entregue á dôr immensa
que me aniquilla, tenho a tudo indifferença.

Ao passo que me opprime este cruel receio
de ver barafustar o nosso Mestre em meio
dos inimigos seus, mais frio do que a neve
se torna o meu olhar...

JUDAS tôrvoamente:

Deve ser isso, deve.

E depois de algum silencio, ironico:

Cançado de subir nos estos desse amor
aos mundos do ideal, o candido fulgor
transforma-se em desdem, e apenas se descerra
perante a mesquinhez que roja pela terra!

Com o olhar bem fito nella, animando se:

Em verdade te digo, ó mulher altaneira,
quizesse Deus mandar-te aos olhos a cegueira,
já que d'alma és tão cega aos prantos de quem te ama,
que olhas para esse alguem, como se fosse lama!
— Desde hontem que eu desejo estar contigo a sós
para que enfim termine este supplicio atroz!
Do meu peito o rugir não sabe em que se esconda,
e vae sahír de mim, como em tropel a onda,
tudo o que hei suffocado, e tudo o que hei soffrido!
— Escuta-me, ó mulher! apura o teu sentido,
e deixa de cuidar nessa paixão, agora,
que é maior a paixão que todo me devora!

Maria vos responder; elle, porem, detendo-a com um gesto:

Eu sei! Conheço a frase! escusas de falar!
é puro o teu amor, não é amor vulgar...
Mas vê que se elle abriu em ti essa ferida,
no centro da minha alma, em sangue e dolorida,
existe uma paixão também, que me envenena,
podendo ser mortal assim como a gangrena.
— Ah! no supremo arranco, um peito esfacelado,
como este, não receia o que haja mais sagrado,
e julga-se capaz, co'o seu valor enorme,
de lutar e vencer o ente mais disforme,
terrível como Deus, gigante como Adão,
possuindo na voz as frases do trovão!
É porque sinto aqui as contorsões finaes,
expando francamente as máculas brutaes,
que viveram sem luz num mundo subterraneo:
os monstros do meu peito, e os vermes do meu craneo!

Grande e soberbo, de braços abertos, espera.

MARIA, que não se moveu, serenamente:

Sou fraca, sou mulher, e sei no que te escudas;
confesso-te porem: causas-me tédio, Judas.

JUDAS n'um rugido:

Maria!

MARIA

Com franqueza, eu disse-te por vezes:
em castidade igual ás innocentes rezes
no Templo do Senhor dadas em sacrificio,
tenho por goso infindo, ao meu viver propicio,
dedicar áquelle ente em que a virtude brilha
acrisolado amor, amor como de filha.
Na terra, nada mais preciso que uma coisa:
a Crença.

Entevada, com o olhar erguido, as mãos sobre o peito virginal:

O meu amor longe daqui repouza,
estrella que não teme as nuvens tempestuosas.
Brando como o dormir das aguas silenciosas,
vago como o misterio enorme do futuro,
meigo como um sorriso, e como o orvalho puro,
nos espaços do azul vive risonho e inermes.
A estrella é sempre estrella...

Descenilo o olhar para Judas:

e o verme é sempre verme.

Augusto de Lacerda.

ROSAS DE TODO O ANNO

Comedia em 1 acto



Julio Dantas

Auctor das «Rosas de todo o anno»

IGNEZ

Mas tu gosta d'elle ou não gostas?

SUZANNA

Elle diz que gosta muito de mim.

IGNEZ

E tu?

SUZANNA

Eu não sei se gosto, se não. — E' uma coisa exquisita... — Era tudo isto que eu te vinha dizer, sabes? (*tomando-lhe as mãos com ternura*) Vinha abrir-te a minha alma... — Não te rias de mim... Ninguém nos ensina estas coisas... (*hesitando*) Eu queria que tu me explicasses... Olha, dize-me... — O que é isto da gente gostar de um homem?

IGNEZ, baixando os olhos

Eu sou uma pobre freira, minha filha... Como t'o hei de eu dizer?

SUZANNA

Elle fala-me tanta vez em amor... (*com tristeza*) E eu não sei o que é!

IGNEZ, mãos nas mangas do habito, olhos baixos, retomando a sua gravidade de freira

Só posso dizer-te o que é o amor de Deus, minha irmã.

SUZANNA

Eu sinto uma coisa exquisita. . . Mas será isto amor? Não me enganarei eu? — Quando elle não está ao pé de mim, não sei o que tenho... Estou inquieta... Parece que me falta alguma coisa... Mas quando elle chega, fico toda corada, dá-me vontade de fugir, de deitar a correr, muito depressa... Ora se eu fujo, é porque não gosto d'elle, pois não é verdade? Bem sei que ás vezes, se o vejo falar com outra, como ha dias, no caramanchão de azulejos do jardim, choro, choro, choro... Chorei tres dias e tres noites. . . Mas, tambem, eu tenho chorado tantas vezes por outras coisas tão differentes! — E' por isso que não sei se gosto d'elle, se não. — Quando lá esteve em casa o senhor Arcebispo (*mesura*) e houve serão, e se accenderam duzentas velas de cêra, e se dançou o minuete como em França, vi muitos rapazes, muitos, muitos, loiros, trigueiros, gordos, magros, e nenhum me pareceu tão bonito como elle... — Mas, tambem, elles eram todos tão feios! (*lembrando-se*) Ah! Espera... Olha... (*tristemente*) Não gosto d'elle, não. — Eu já uma vez lhe bati!

IGNEZ

Tu?

SUZANNA

Bati. — Estavamos dançando. . . Elle pegou-me na mão, demos o primeiro passo, e n'uma volta, surratemente, beijou-me as pontas dos dedos... Senti uma impressão tão grande, tão grande, que lhe tive raiva, não pude conter-me, e zãs! — bati-lhe... — Ora se eu lhe bati, é porque não gosto d'elle... — Mas ao mesmo tempo, quando tu me beijas... Beija-me, anda... (*Ignez beija-a*) Olha, vês! — Não sinto impressão nenhuma! — (*tomando-lhe as mãos, quasi a chorar*) Oh! Pelo amor de Deus... Dize-me, Ignez... Dize-me... — Eu gosto d'elle ou não gosto?

IGNEZ

Minha pobre filha!

SUZANNA

Isto é ou não é amor?

IGNEZ, depois d'um silencio

Ainda não.

SUZANNA

Então, para ser amor, o que lhe falta!

IGNEZ

O soffrimento.

SUZANNA

Quando se ama, soffre-se?

Julio Dantas.

D. Maria, Judas. — D. Amella, Rosas de todo o anno. — Trindade, A semana dos nove dias. — Gymnasio. — Principe Real. — Rua dos Condes. — Colyseu dos Recreios.

Faltava-lhe a vida do palco e a luz da ribalta para a definitiva consagração. Porque é forçoso já agora convencermos todos de que para ter nome duradouro toda a obra de theatro, por mais litteraria que seja, precisa ter vida no theatro. Compreendeu-o bem o sr. Augusto de Lacerda, e justo é não regatear louvores aos seus desejos e esforços para que, depois de ser publicada ha seis annos, a sua peça tivesse a sancção do publico no nosso primeiro theatro de declamação.

Não é este um artigo critico — que o não comporta o espaço limitado de que dispomos —; se o fosse, fariamos resaltar aqui todas as bellezas do *Judas*, e com a mesma sinceridade destacaríamos das suas quatro jornadas o que nellas reputa defeitos a nossa observação imparcial.

Para tratar de uma figura que sem a existencia de Christo não teria existencia historica — tão apagada foi a sua vida — o sr. Lacerda reconheceu a necessidade, em primeiro logar de fazer convergir todo o seu trabalho para o minucioso estudo da época, para as personagens que mais conviveram com o Mestre, para a propaganda da sua obra revolucionaria, por ellas espalhada, antes e depois da sua morte; em segundo logar sentiu que sem urdir, pelo menos um fio de drama, poderia ter uma obra de litteratura mas nunca uma obra de theatro, e d'ahi aquelle tenebroso amor de Judas por Maria de Bethania, amor sensual, feito de raiva e odios, em que o auctor baseia a negra traição feita a Jesus.

E vem mais uma vez a pello accentuar bem que a liberdade do dramaturgo se não parece com a do historiador. Este é escravo dos factos, que não tem o direito de alterar, aquelle pode pedir á phantasia todos os elementos de que careça para encher e sentimentalizar a acção, que a Historia lhe forneça. Um erro de boa critica praticaria portanto aquelle que quizesse pedir ao sr. Lacerda a responsabilidade de atravessar o seu drama historico com um fio de imaginação poetica. Que elle fez um excellent trabalho theatral não ha duvida, certo é tambem que a idéa de dividir em jornadas o seu *Judas* foi feliz, que estão bem preparadas as situações biblicas, e que a disposição geral dos quadros accusa um profundo conhecimento do *métier*. A linguagem poetica, sempre litteraria e elevada, tem porventura o excesso d'esta preocupação, dando logar a que, por vezes, os artistas que declamam os versos, e principalmente o apostolo João, mais pareça terem pretensões a recitar com em phase as tiradas audaciosas e empoladas do *Ruy Blas* e do *Hernani* que a espalhar a doutrina divina do Mestre, que para ser entendida em toda a sua sublimidade carece de uma uncção religiosa e mystica como aquella que repassa toda a suave e adoravel poesia d'esse drama biblico que se chama a *Grisélidis*.

Frisemos bem, antes de dar duas palavras ao desempenho, que no *Judas*, actualmente em **D. Maria**, ha uma probidade litteraria a que se não está muito habituado, e a confirmação de uma vocação theatral, que se tem manifestado em outras obras de Augusto de Lacerda, igualmente applaudidas.

Teve elle um grande collaborador: Brazão, que deu a esse caracter perdido, a esse hypocrita, invejoso e traiçoeiro, a mais completa envergadura, mostrando-nos desde a plastica das linhas faciaes, desde a expressão do olhar torvo, até á maneira intima de

revelar os sentimentos que o agitam toda a vastidão de uma consciencia execranda. Na ultima jornada, quando o remorso o avassala e o amor da vida o leva ao suicidio para evitar uma violenta e terrivel morte, eleva-se o grande artista a uma altura inconfundivel, dando nos arrancos que expelle, na fórma angustiosa e communicativa de narrar a sua dôr, toda a perfeição que a arte de representar pode attingir.

Representassem tão bellamente todos os que se encarregaram dos outros papeis do drama e dobraria de valor a sua exhibição no theatro. Vontade tiveram e a esforços não se pouparam, principalmente Maia, Luiz Pinto, Mello, Ignacio, Maria Pia e Maria de Matos, mas para a comprehensão e reproducção de personagens como as do *Judas*, tanto tem que pôr a phantasia, a acção poetica dos tempos biblicos tem de se revestir de uma tão extranha sensibilidade, de tanta unção mystica tem de ser repassada a palavra evangelica dos apóstolos, o sentimento da época historica tem de ser tão vivo e penetrante, que a artistas portuguezes, de maior envergadura que elles fossem, difficil seria, senão impossivel, sem uma escola artistica, sem modelos de rigor, transmittir ao publico a fé, a crença, a ingenuidade, e a convicção ardente d'essas almas illuminadas pelos primeiros clarões do christianismo.

Augusto Machado, com a sua musica delicada e sentimental, e os scenographos Manini e Pina, com as esplendidas scenas que pintaram, e os que ao mobiliario e ao guarda-roupa prestaram tão

cuidadosa attenção, se deve grande parte do successo que obteve a peça do sr. Augusto de Lacerda.

Rosas de todo o anno é simplesmente uma obra prima n'um acto. Só um poeta, ao mesmo tempo sentimental e colorista, podia subscrever essa pequenina maravilha. E se n'esse poeta não houvesse o estofo tambem de um dramaturgo, teriam as *Rosas de todo o anno* o valor litterario que as enriquece, mas não logriam transmittir-nos a sensibilidade artistica e o delicado pensamento do auctor.

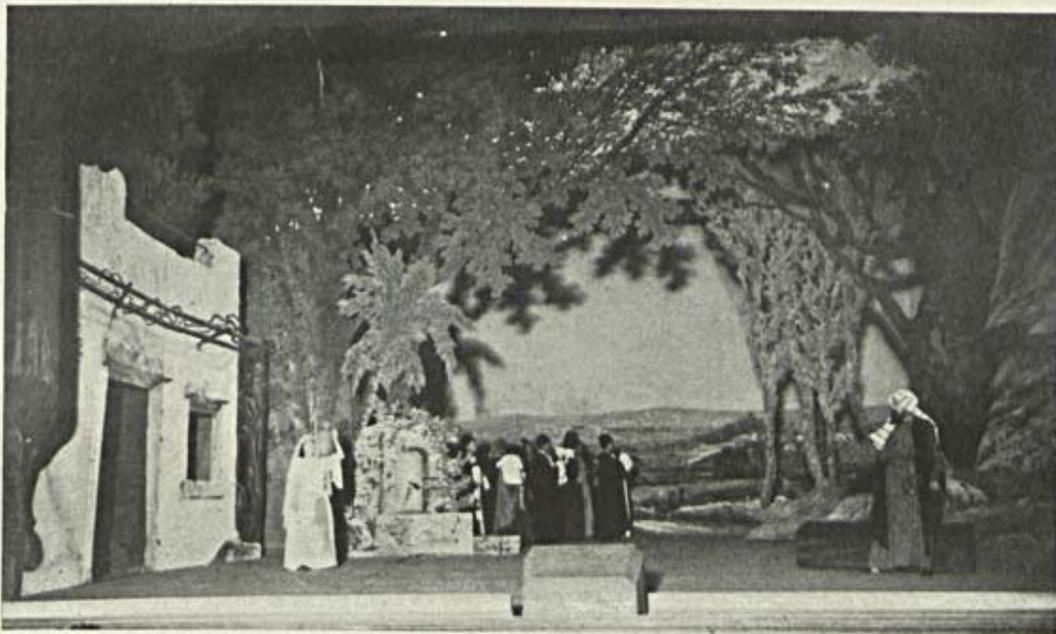
Quando Soror Ignez recorda na sua fria clausura a paixão que enche ainda a sua vida, e que a religião não conseguiu arredar do seu coração amante, quando ella chora todo o seu affecto desolado e o seu immenso, desditoso e mallogrado amor, chora em cada um de nós a possibilidade ou a recordação de um d'esses tormentos da alma, de que tem pelo menos a dolorosa intuição os que ainda os não soffreram.

Esse é o poder do dramaturgo, e d'elle tão á farta dispõe Julio Dantas, que a audição do seu ultimo trabalho de theatro foi para quantos lhe ouviram a peça, ao mesmo tempo burilada e singella, um contentamento e uma angustia.

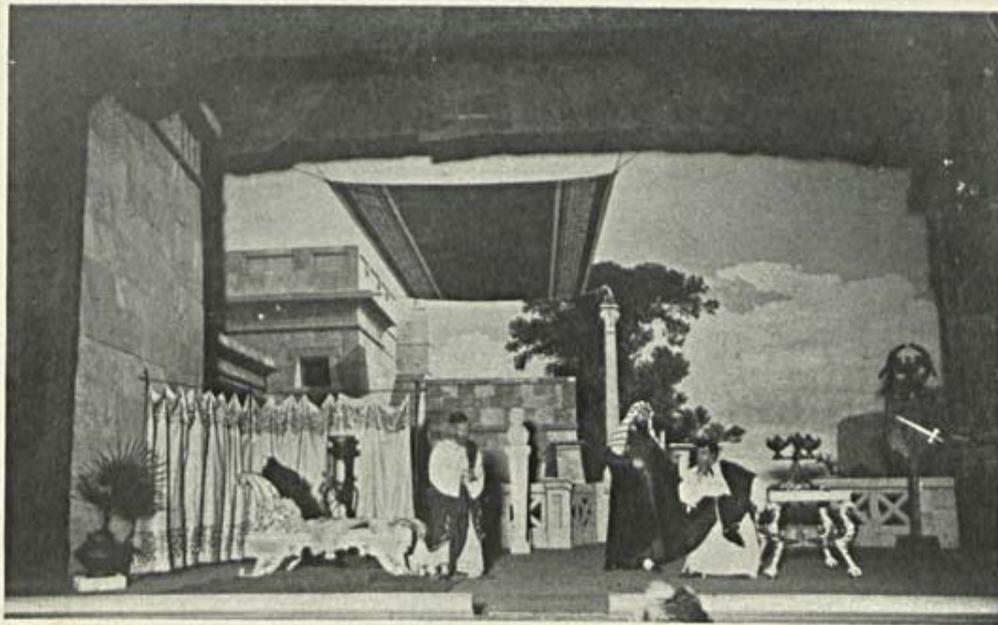
Duas artistas a que muito quer o publico do **D. Amelia**: Lucilia e Maria Falcão, reproduziram as duas unicas personagens das *Rosas de todo o anno* e, devemos dizê-lo, a primeira pôe tal encanto na expressão dos seus nascentes e ingenuos sentimentos de amor, e a segunda traduz com tal grandeza e emoção os affectos deso-

Theatro D. Maria. — JUDAS

Poema dramatico em 4 jornadas, original de Augusto de Lacerda



1.º acto



3.º acto

lados e trahidos, encarnando-se por completo na alma angustiada da monja, que uma e outra realisaram na maneira de representar uma perfeita obra de arte.

Augusto Rosa que ensaiou esse acto admiravel, e a empreza do **D. Amelia** que o poz em scena, devem orgulhar se de ter contribuido para que mais uma vez o talento do auctor da *Ceia dos cardeaes* tivesse uma nova consagração do publico de Lisboa.

Estamos evidentemente em maré de originaes portuguezes. E' caso para nos congratularmos com aquelles que não julgam de todo exgotado o valor dos nossos auctores dramaticos.

Tambem a **Trindade** nos dá peça nova, que tem demais a mais a força de reunir, com exito, dois generos, ambos difficeis, e ambos do agrado do publico: magica e revista.

Esta pretensão — coroada do melhor resultado — diga-se sem hesitar, tiveram-na sem duvida os auctores de *A semana dos nove dias*, os srs. Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes, o primeiro já conhecido por varios trabalhos de theatro, o segundo, um novo que realisa a sua estreia, á qual sem sombra de favor se pode chamar auspiciosa.

Tem graça ás pilhas *A semana dos nove dias*, dialogo sempre brilhante e vivo, situações de um constante imprevisto comico, espirituosos versos e musica de Calderon, ligeira, alegre, inspirada.

O ultimo paiz, que é Portugal, visitado pelos dois *compères* da peça, é um quadro feliz, é um trecho de revista intervallado na ma-

gica, mas tão cheio de finas ironias e de justas observações humoristicas que teve um completo e justificado successo.

No desempenho não especializamos nomes, porque em representar a primor a nova magica se esmeraram os artistas da **Trindade**: Thereza Taveira, Amelia Barros, Carmen Osorio, Lucey, Delphina Victor, Roldão, Santinhos, Gomes, Correia, Vianna, e ainda outros.

O guarda roupa é luxuoso e a *mise-en-scene* opulenta. Com os auctores, com o maestro e com os artistas, tem sido chamado ao proscenio Affonso Taveira, a quem o publico manifesta o seu reconhecimento por ter posto em scena uma peça que por completo satisfaz os mais exigentes no genero.

Da nova comedia do **Gymnasio** *O pinto calçado*, e do drama de Pinero *Casa em ordem*, hontem representada no **D. Amelia** occupar-nos-hemos no proximo numero.

As tres applaudidas revistas *O da Guarda* no **Principe Real**, *Pr'a frente* no **Avenida** e o *Descanço semanal* na **Rua dos Condes**, continuam a demonstrar que está sendo este em Lisboa o genero theatral por excellencia, tão grande é o numero de recitas que já cada uma d'ellas conta.

No **Colyseu dos Recreios** succedem-se as enchentes, graças ás estreias de numeros sensacionaes que se succedem tambem, e ao inimitavel *savoir-faire* do empresario d'aquella vasta sala de espectaculos.

JAYME VICTOR.

Theatro do Gymnasio.— O FILHO MILAGROSO



2.º acto



3.º acto